

A nobreza da polícia militar



Outro olhar salvador de nossa polícia militar

Eu não sei quem escreveu este texto, mas salvou o bichinho e emnobrou uma nobríssima corporação.

Dr Michel P.R. Musy

Eu achava que já tinha visto de tudo.
Nove anos de farda, de madrugada fria, de corpo no chão, de grito, de sirene.
A gente aprende cedo a engolir o medo, a secar o olho, a fingir que não sente.
Mas sentir é uma coisa que a farda não consegue arrancar da gente — só esconder.
Era uma terça-feira, patrulha noturna na zona leste.
A viatura entrou num beco apertado, cheiro de esgoto e comida velha no ar.
Um morador tinha chamado: briga, confusão, um barulho estranho.
Quando chegamos, o beco estava vazio.
Só silêncio, garrafa quebrada e um saco de lixo revirado.
E, lá dentro, um cachorro.
Caramelo, magro, o corpo cheio de cortes.
Devia ter apanhado — e muito.
Tentava levantar-se, mas a pata traseira não respondia.
Os olhos... Deus, os olhos.
Aquele tipo de olhar que pede ajuda, mas sem esperança de ser ouvido.
Meu parceiro disse:
“Vambora, sargento. Isso aí é bicho de rua. Vai morrer de qualquer jeito.”
Mas eu não consegui.
Ajoelhei no chão, molhei o joelho no barro, passei a mão na cabeça dele.
Ele fechou os olhos, encostou o focinho na minha luva e ficou quieto.

Foi o primeiro toque humano que aquele bicho teve em muito tempo.
Peguei a capa de chuva, enrolei, e botei na viatura.
“Tu vai levar isso pro quartel?” — meu parceiro riu.
“Não. Pra casa.”
No caminho, ele tremia.
No meu colo, respirava fraco.
E eu, que passei a vida tentando salvar gente, percebi que, pela primeira vez, era eu quem precisava salvar algo simples.
Chamei de Valente.
Mas a verdade é que a coragem era dele, não a minha.
Nos primeiros dias, ele mal se mexia.
Ficava deitado no canto do quarto, só o olhar acompanhando os meus passos.
Eu chegava do serviço, largava a arma, o colete, e sentava-me no chão ao lado dele.
Falava.
Contava o que tinha visto, o que não queria mais ver, o que o mundo não deixava eu chorar.
Ele só ouvia.
E, às vezes, lambia minha mão — o único gesto de conforto que ninguém nunca me deu.
Com o tempo, foi a melhorar.
Andava, comia, latia, até brincava.
E, de alguma forma, foi-me curando também.
O Valente virou parte da rotina: acordava comigo, esperava na janela, corria quando via a viatura se aproximando.
Os vizinhos diziam:
“Esse cachorro parece que entende quando você chega.”
E entendia mesmo.
Depois dele, comecei a ver as coisas de outro jeito.
Os becos, os meninos de rua, as mães chorando — tudo ficou mais humano.
Porque um cachorro me ensinou o que a farda tinha tentado apagar: a compaixão.
Um dia, atendi outra ocorrência no mesmo bairro.
Um morador reconheceu:
“Ô, doutor! Aquele cachorro que o senhor levou... era daqui. Tava morrendo, o senhor salvou.”
Olhei para o beco e senti o peito encher.
Dessa vez, ninguém gritou.
Só o vento, soprando entre as janelas quebradas.
Hoje, o Valente dorme no sofá da sala.
Quando eu chego tarde, ele me espera com a cabeça no encosto, o rabo balançando devagar.
E eu penso: quantas vidas um policial salva sem perceber?
A minha, pelo menos, ele salvou.
Na parede da sala, tem uma foto nossa — eu fardado, ele sentado ao meu lado, com a coleira azul.
E embaixo, escrevi:
“O mundo precisa de quem lute.
Mas eu aprendi que o que salva mesmo é quem fica.”